

Índice

Lista de Ilustrações	11
Lista de Mapas	13
Nota sobre a Ortografia	19
Prefácio	21
1 Século VII: Meca — Mãe de Todas as Cidades	29
2 Século VIII: Damasco — Paraíso Perfumado	55
3 Século IX: Bagdade — Cidade de Paz, Cidade de Sangue	83
4 Século X: Córdoba — Ornamento do Mundo	113
5 Século XI: Jerusalém — Cidade Disputada	145
6 Século XII: Cairo — Cidade Vitoriosa	175
7 Século XIII: Fez — Atenas de África	205
8 Século XIV: Samarcanda — Jardim da Alma	231
9 Século XV: Constantinopla — Cidade Desejada pelo Mundo	261
10 Século XVI: Cabul — Um Jardim nas Montanhas	301
11 Século XVII: Isfahan — Metade do Mundo	331
12 Século XVIII: Trípoli — Covil de Piratas	361
13 Século XIX: Beirute — Recreio do Levante	393
14 Século XX: Dubai — Se a Construímos, as Pessoas Virão	431
15 Século XXI: Doha — Cidade das Pérolas	463
Notas	495
Bibliografia	529
Agradecimentos	555

Prefácio

“Nos últimos tempos, tenho sentido vergonha de ser árabe”, comentou um amigo tunisino comigo recentemente. “Para onde quer que se olhe, há caos, conflitos, derramamento de sangue, ditadura, corrupção, injustiça e desemprego. A única atividade em que somos líderes mundiais é o terrorismo.”

Isto corresponde, sem dúvida, a grande parte da percepção atual tanto no Ocidente como no próprio mundo árabe. Mas claro que está longe de ser a história toda — e as coisas não foram sempre assim. Há mil anos, a civilização islâmica liderava o mundo. Para um muçulmano árabe, o orgulho de estar no topo da hierarquia global, em vez da vergonha e humilhação de definhar nas regiões inferiores, estava na ordem do dia. Muitas das magníficas cidades do Norte de África, do Médio Oriente e da Ásia Central eram prodígios arquitetónicos, intelectuais e económicos por direito próprio. De Damasco, Bagdade e Córdova até ao Cairo, Fez e Samarcanda, as capitais dos sucessivos impérios islâmicos eram célebres — e muitas vezes temidas — em todo o mundo. Assentavam numa empolgante combinação de poderio militar, grandeza artística, poder comercial e carácter sagrado. Além disso, foram núcleos de pensamento progressista nas ciências, na medicina, na matemática, na astronomia, na cartografia, na caligrafia, na história, na geografia, no direito, na música, na teologia, na jurisprudência e na filosofia, tendo cada metrópole sido um motor extraordinariamente vibrante de inovação e descoberta. Com menos armas, menos pessoas e menos pensamento, a Europa cristã olhava para sul e para oriente com inveja, inquietação e hostilidade. Enquanto Bagdade se podia gabar de ter uma população de cerca de oitocentos mil habitantes no século IX, em 1100 Londres e Paris, em contraste, eram minúsculas, com apenas

vinte mil habitantes. As cidades islâmicas, nessa altura, davam expressão concreta a uma civilização superior.

A palavra “civilização” vem do latim *civis*, cidadão, que, por sua vez, se relaciona com *civitas*, cidade. Partindo destas origens etimológicas, basta um pequeno passo para se defender que uma cidade civiliza — afasta os homens e as mulheres da vida bárbara e selvagem — e também que sem cidades não há civilização. É nas cidades — e não nos desertos, nos ermos, nas estepes, nas montanhas e nas selvas, por muito belos e empolgantes que sejam — que a humanidade realiza o seu maior potencial: destacando-se nas artes e nas ciências, explorando a condição humana e deixando um património literário imperecível.

Quando se trata das origens geográficas da civilização, no entanto, o latim não ajuda muito. Temos de deslocar o olhar quase cinco mil quilómetros para leste de Roma, para o que hoje é o Iraque, e para a zona que, durante grande parte da sua história milenar, os gregos antigos conheceram como Mesopotâmia Inferior, as terras férteis e bem irrigadas entre as fontes de vida dos rios Tigre e Eufrates.* Foi aqui, desde a época suméria, no sexto milénio a. C., até aos períodos babilónio, assírio, aqueménida, selêucida, parto, romano e sassânida, que sucessivos impérios, civilizações e grandes cidades, como Acádia, Assur, Babilónia, Ur, Uruque, Nínive, Nipur e Ninrude, começaram a prosperar. Estas cidades antigas ergueram-se da planície mesopotâmica num esplendor de tijolos de barro, dominaram o mundo em redor e deixaram os seus nomes bem gravados na história. Quando o islão surgiu, no século VII, a maioria já se tinha desintegrado em ruínas.

Se a Mesopotâmia deu ao mundo as primeiras cidades, os impérios islâmicos que se seguiram nessa região deixaram algumas das capitais mais magníficas e esplêndidas alguma vez vistas. Neste livro, abordamos quinze dessas cidades, uma por cada um dos quinze séculos do islão, desde os tempos do profeta Maomé e do nascimento da nova fé até à atualidade. À sua maneira, cada uma delas contribuiu de modo decisivo para a história do Dar al Islam, ou mundo muçulmano.

Impérios Islâmicos traça a história deste mundo através de algumas das suas maiores cidades e durante alguns dos seus momentos mais

* Pensa-se que a palavra “Iraque” — do árabe para “veia” ou “raiz” — terá nascido na cidade suméria de Uruque, através do aramaico Erech e talvez do persa Eragh, remontando a cerca de 4000 a. C.

importantes e dramáticos, prestando atenção àquilo a que, no século v a. C., Heródoto, o “Pai da História”, chamou “feitos importantes e prodigiosos”. Começa no século vii e termina no século xxi, com uma ou outra incursão na atualidade.

A nossa história parte necessariamente de Meca, onde a história do islão nasceu, no deserto árido do Hejaz, na Arábia, uma cidade que até hoje continua a ser o lugar mais sagrado do mundo para 1,5 mil milhões de muçulmanos, o ponto de orientação para o qual se viram cinco vezes por dia para rezar. Dentro do mundo islâmico, distingue-se igualmente por proibir a entrada de não muçulmanos, uma tradição ferozmente defendida e escrupulosamente preservada desde que a nova fé arrancou a cidade de mãos pagãs. Ao contrário de todas as outras cidades neste livro, Meca é, por definição, uma cidade exclusiva, um santuário de completa pureza de que os forasteiros estão excluídos. Nessa medida, é um emblema do complexo de superioridade do islão.

As incursões dos cavaleiros árabes que vinham do deserto abalaram o mundo no século vii, deixando um rasto de conquistas islâmicas. A partir da Península Arábica, durante a vida do Profeta, o Império Islâmico espalhou-se rapidamente para norte e oeste durante o reinado dos primeiros quatro sucessores de Maomé como califas — os líderes *Rashidun*, ou “Bem Guiados”, Abu Bakr, Umar, Uthman e Ali. A primeira grande capital foi Damasco, de onde a dinastia omíada (r. 661-750) expandiu os territórios islâmicos até os transformar num dos maiores impérios que o mundo conheceu, desde a costa atlântica do Norte de África e da Península Ibérica no Ocidente, até às montanhas da Ásia Central e fronteiras da China e da Índia no Oriente.

Depois de, em 750, uma revolução ter acabado de modo cruel e sangrento com os omíadas, estes foram substituídos pelos abássidas, que entre 762 e 1258 reinaram a partir da nova e incomparável metrópole de Bagdade, Cidade da Paz. Durante grande parte destes quinhentos anos, Bagdade foi a cidade mais destacada da Terra, uma maravilha de palácios opulentos, mesquitas preenchendo o céu e madraças (escolas religiosas), bibliotecas, universidades e institutos de investigação povoados por alguns dos mais importantes estudiosos do mundo, sobretudo muçulmanos, uma rede sofisticada de estradas e canais, hospitais topo de gama e mercados prósperos. Bagdade foi uma capital cosmopolita por excelência, onde a arte, a música, o vinho e a poesia (às vezes picante o suficiente para chocar os leitores modernos) demonstravam o pluralismo autoconfiante do islão.

Com o tempo, o Império Islâmico fragmentou-se. Em 929, a partir da distante Al Andalus, o emir ou príncipe Abd al Rahman III (r. 929-961) renunciou à sua lealdade puramente teórica a Bagdade e proclamou um califado rival em Córdova. Graças às multidões de estudiosos com ideais elevados que trabalharam nas suas bibliotecas prodigiosamente bem fornecidas durante este reinado, a cidade andaluza tornou-se *decus orbis*, o ornamento do mundo.

Jerusalém passa para o centro da minha narrativa na apocalíptica Primeira Cruzada de 1099, cuja infâmia continua até hoje bem presente no pensamento de muitos muçulmanos. Conhecida como Al Quds entre os árabes, esta cidade é pouco menos sagrada do que Meca dentro do islão, demonstrando simultaneamente a reverência da humanidade pela religião e a sua predileção muitas vezes fatal pela competição e pelo conflito. Estes séculos de conflito, que ainda hoje persiste, valeram-lhe a alcunha indesejada de cidade mais disputada da Terra.

Depois da ignomínia e da humilhação da Primeira Cruzada no auge do século xi, passamos para o Cairo — Al Qahira, “O Vitorioso” —, em busca de destinos islâmicos mais auspiciosos, com o lendário líder curdo Saladino, no século xii. Os cruzados foram desbaratados, Jerusalém foi reconquistada, a honra foi recuperada. O islão sunita e o prestígio foram restabelecidos no coração do mundo muçulmano.

A milhares de quilómetros de distância, na outra extremidade, ocidental, do Dar al Islam, outra cidade se destaca em todo o seu esplendor no século xiii. Conhecida como “Atenas de África”, Fez emergiu durante a dinastia merínida (r. 1244-1465) como centro de conhecimento que ilumina o mundo, capaz de rivalizar com a Europa de Dante, Tomás de Aquino, Froissart, Bacon e Chaucer. Até hoje, a sua almedina tentacular, a Cidade Velha, continua a ser a maior do mundo e uma das visões mais sedutoras da Terra.

No século xiv, nenhuma cidade do mundo islâmico conseguia competir com Samarcanda, “Pérola do Oriente”, tal como nenhum líder muçulmano estava à altura do poderoso senhor da guerra Timur, de origem turcófona, mais conhecido no Ocidente como Tamerlão. Capaz de construir um império sozinho, e invicto em combate durante quatro décadas, Timur transformou Samarcanda numa metrópole deslumbrante de cúpulas azuis, com monumentos inigualáveis, admirados em toda a Ásia. Mas transformou também muitas das melhores cidades do continente, incluindo algumas aqui descritas, em terras devastadas a desfa-

zer-se em fumo, cercadas por torres sinistras de cabeças de inimigos decapitados e assombradas por abutres.

Durante uma grande parte dos oito séculos desde que esta fé emergiu, o islão foi um perigo claro e sempre presente para a cristandade. A disputa atingiu um clímax em 1453, com a extraordinária conquista de Constantinopla levada a cabo pelo jovem sultão otomano Mehmed II, uma proeza desejada e tentada por diferentes exércitos muçulmanos em várias ocasiões desde a época do Profeta. Foi um acontecimento que abalou o mundo, com um impacto que muitos gregos e turcos ainda hoje sentem com dor e orgulho, respetivamente. E, apesar de não ter acontecido de um dia para o outro, a transição firme da Constantinopla cristã para a Istambul muçulmana teve uma importância enorme e duradoura.

No século XVI, no alto das montanhas do Indocuche, na Ásia Central, nasceu um novo império islâmico. Partindo da sua diminuta capital de Cabul, Babur, “o Tigre”, tetraneto de Timur, procurou fazer conquistas a sul e fundou o duradouro Império Mogol, que transformaria o subcontinente indiano e persistiria até 1857. Tão ambicioso com a pena como com a espada, Babur também é amplamente respeitado enquanto autor de *Baburnama*, um dos grandes tesouros da literatura muçulmana. Com as suas histórias regadas a vinho e perfumadas com haxixe sobre festas loucas e missões militares arrojadas nas montanhas, esta autobiografia animada contradiz de modo empolgante a ideia muito disseminada no Ocidente de que o islão é monolítico, austero e intolerante. É mais uma demonstração oportuna e elegante do pluralismo nos primeiros tempos do mundo islâmico.

Isfahan é uma das poucas cidades não árabes aqui incluídas. Enquanto a maioria das capitais neste livro representa a seita ortodoxa sunita do islão, Isfahan é uma joia brilhante do mundo xiita. Só o facto de ser uma maravilha da arquitetura já justificaria a sua inclusão, mesmo sem a história do xá Abbas I, o homem que no século XVII a criou e remodelou com tanta inteligência, enquanto levava o Império Safávida (r. 1501-1722) a novos píncaros — num formidável desafio aos otomanos no Ocidente e aos mogóis no Oriente. Não admira que os poetas tenham elogiado Isfahan como “Metade do Mundo” em si mesma e por si só.

Há muito que os líbios descrevem carinhosamente Trípoli como a “Noiva do Mar”. Nos tempos que correm, alguns chamam-lhe “Viúva do Mar”, depois dos tumultos e derramamento de sangue após a revolução de 2011; no próprio momento em que escrevo estas palavras, no início

de 2019, por toda a cidade se ouvem tiros das armas dos combatentes das milícias. Apesar de o século XVIII não ter sido nem o zénite nem o nadir dos destinos desta cidade, foi um dos capítulos mais impressionantes do derrube implacável e audacioso da hegemonia otomana levado a cabo pela aguerrida dinastia dos Karamanli. Esta família arrivista governou entre 1711 e 1835, período em que a sua indisciplinada frota de piratas foi uma praga para a navegação mediterrânica. Com os seus temíveis corsários da Berbéria, de cujas fileiras faziam parte convertidos muçulmanos europeus renegados, Trípoli intrometeu-se como nunca antes não só na consciência otomana mas também na consciência europeia.

Que cidade melhor do que Beirute, a “Paris do Médio Oriente”, para ilustrar a sofisticação e o prazer da vida urbana no século XIX? Foi aí que, no fim do Império Otomano e com crescente empenhamento diplomático e comercial da Europa, uma amálgama de muçulmanos e cristãos prosperaram espetacularmente, beneficiando do talento comercial autóctone, enriquecendo os habitantes cosmopolitas e elevando a fasquia para os sibaritas hedonistas. Nos conflitos periódicos, e por vezes catastróficos, entre as diversas seitas e comunidades — simultaneamente uma força e uma fraqueza da cidade —, a história de Beirute tem também um lado mais cruel, tão relevante hoje como nessa altura.

Poucos teriam previsto que, em poucas décadas do século XX, uma pequena comunidade piscatória do Golfo Pérsico desesperadamente obscura e completamente desconhecida do mundo exterior se transformaria numa cidade-estado com arranha-céus monumentais de fama planetária. E, contudo, a visão imparável de uma só família, assente num jogo imprudente em que se arrisca tudo e no talento instintivo para o comércio livre, conseguiu o impossível no Dubai. Este emirado tornou-se um farol para os árabes que fogem da repressão e da corrupção, para os *expats* ocidentais em busca de fortuna e também para a mão de obra empobrecida da Ásia e do subcontinente indiano em busca de uma vida melhor. Mais do que apenas árabe, é uma cidade verdadeiramente global. Os Maktoums construíram-na e o mundo veio.

A história termina no nosso tempo, noutra cidade-estado que não é menos surpreendente. Como uma crisálida que se transforma em borboleta, Doha deixou de ser uma aldeia de pesca de pérolas totalmente insignificante para se transformar na cidade mais rica do mundo no século XXI. Enquanto fenómeno puramente urbano, desenvolvendo-se a uma velocidade vertiginosa, emergiu quase imperscrutavelmente das impiedosas areias árabes. Como no Dubai, uma família destaca-se *pri-*